

REPORTAGEM ESPECIAL

Tráfico e sexo em Camburi

Polícia diz que travestis e garotas e garotos de programa distribuem drogas para clientes na orla

ELISA RANGEL

À noite, os pontos de ônibus da avenida Dante Michelini, na orla de Camburi, em Vitória, estão sendo invadidos por dezenas de travestis, garotas e garotos de programa.

Fingindo que estão à espera de um transporte coletivo, eles se concentram no local com outros objetivos: marcar e fazer programas, além de vender e usar drogas.

Esses "profissionais do sexo", como são denominados pelo Sindicato das Minorias Sexualmente Discriminadas (Sindiminorias), são considerados pela polícia como os principais fornecedores de drogas da região.

São eles que fornecem papéletes de cocaína e pedras de crack para seus clientes. O travesti Lorena, de 28 anos, que já trabalhou na orla da praia, relatou que, em muitos casos, garotas de programa ficam nos pontos de ônibus porque os familiares não sabem que são prostitutas.

Segundo ele, são "profissionais" com um visual mais arrumado, que não geram desconfiança.

"Nos pontos é mais confortável por causa dos bancos e dos abrigos quando chove. Quanto ao tráfico de drogas, isso é comum. Quase todas as meninas e travestis são usuários e têm drogas para vender para seus clientes", ressaltou.

De acordo com um policial da 6ª Companhia (Jardim Camburi) do 1º Batalhão, o número de garotas de programas nos pontos de ônibus tem aumentado tanto que, no ano passado, uma moradora do bairro disse que se sentia ofendida por ter sido confundida com uma prostituta.

"Ela contou que quando ficava no ponto de ônibus à noite, motoristas paravam seus carros e perguntavam se ela estava fazendo programa", relatou o policial.

O delegado José Porfírio Besa, da Delegacia de Costumes e Diversões, explicou que, pelo Código Penal Brasileiro, a prática da prostituição em si não é crime, embora a sua exploração não seja considerada legal.

"Se formos fazer uma operação na orla para inibirmos a prostituição não vamos conseguir prender ninguém porque isso não é considerado crime. Só vamos fazer uma autuação se localizarmos quem controla a prostituição no local ou então quem são os traficantes que distribuem drogas para as prostitutas", explica José Porfírio.



FOTOS: MARISA KISSIMOTO

A polícia está sempre apreendendo papéletes de cocaína e dinheiro com traficantes em Camburi

Sindicato ameaça expulsar garotas

Casos de tráfico de droga, assaltos, seqüestros-relâmpago e outros crimes envolvendo garotas de programa e travestis não são tolerados pelo Sindicato das Minorias Sexualmente Discriminadas (Sindiminorias).

Quem for flagrado cometendo algum crime é expulso imediatamente da entidade, segundo a presidente do Sindiminorias, Glorinha Rosa Miranda.

"Não toleramos essa prática. Queremos que as pessoas nos respeitem. Se começarmos a assaltar e vender drogas não vamos conseguir isso. Por esse motivo, se o sindicato for comunicado de algum crime cometido por uma das sindicalizadas, ela vai ser expulsa na hora", afirmou Glorinha.

No entanto, de acordo com o delegado José Porfírio Besa, da Delegacia de Costumes e Diversões, a maioria das ga-



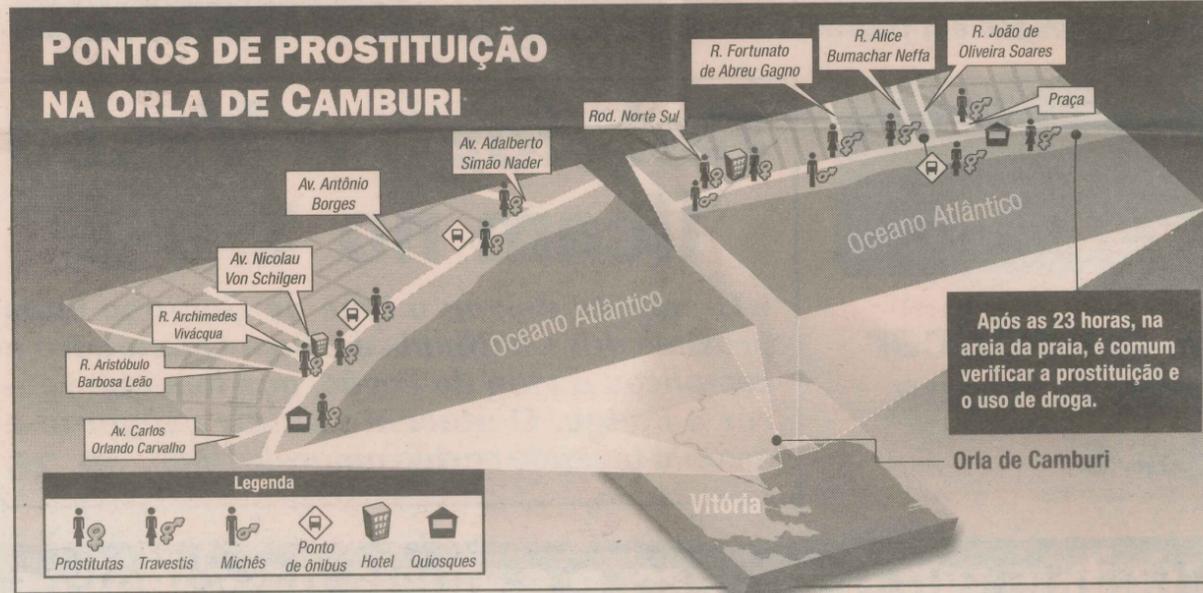
Travestis em um dos pontos à espera de clientes

rotas de programa e travestis é usuária de drogas e vende substâncias entorpecentes a seus clientes. "O difícil é flagrarmos o crime", contou o delegado.

De acordo com o travesti Lorena, que já trabalhou na orla de Camburi, é crescente o núme-

ro de casos de assaltos e furtos envolvendo michês, os garotos de programa.

"Eles saem com os clientes e roubam dinheiro, bolsa, celular de gente que não quer pagar ou até de quem já pagou", declarou.



RECLAMAÇÕES

"Essa prostituição não incomoda só a mim, mas também à sociedade inteira. Às vezes estamos com nossa família passeando pela praia à noite e as garotas de programa e os travestis ficam mexendo com a gente. Eles abaixam as saias, levantam as blusas. Se eu estiver sozinho não me incomoda, mas quando estou com alguém do meu lado fica muito chato".

Edson Nascimento, 24 anos, estudante, morador de Mata da Praia

"As garotas de programa não me causam problema, mas os que me incomodam são os travestis. Eles xingam, brigam entre eles, tiram a roupa e chegam a ficar nus. Eu moro no final da praia de Camburi e sei que rola droga no meio deles e também em alguma barraca, um quiosque desses. O pior é que sempre tem carro parando e levando um deles para fazer programa".

Walter Luiz Rodrigues, 61 anos, advogado, morador de Jardim Camburi

"Eu tenho um filho de oito anos e não o trago para a praia à noite para passear comigo justamente por causa dessa prostituição aqui na orla. Fico com receio do meu filho me perguntar sobre as garotas de programa e os travestis e eu não ter como explicar o que eles fazem. Sou de Brasília e cheguei ao Espírito Santo há pouco tempo, mas já estou assustada com a prostituição aqui".

Kênia Alves dos Santos, 30 anos, comerciante, moradora de Jardim Camburi

"Eu moro em Cariacica, mas costumo vir à praia de Camburi durante a semana para passear. Já reparei que a situação aqui começa a complicar por causa da prostituição após às 21 horas. Há garotas de programa que vão para os quiosques usar drogas e nós, como pais, que muitas vezes também estamos nos quiosques, temos que ter muito discernimento para educar nossos filhos".

Rosana Paula dos Santos, 31 anos, auxiliar de serviços gerais, moradora de Itacibá

"Trabalho em um quiosque de Camburi. Já vi famílias e casais de namorados vindo se divertir aqui e não ficarem porque não gostam de ficar olhando para as prostitutas que ficam na praia. Fechamos sempre às 22 horas porque depois desse horário o movimento de clientes começa a cair. Acredito que seja por causa da violência e também porque é depois dessa hora que a prostituição aumenta".

Wellington Dantas de Lima, 25 anos, funcionário de quiosque, morador de Jardim Camburi

Flagrante da venda de drogas

A Tribuna acompanhou a Polícia Civil em uma operação na orla de Camburi, onde suspeitos de tráfico foram presos

Para confirmar a denúncia de tráfico de drogas entre travestis e garotos e garotas de programa da orla de Camburi, a reportagem de **A Tribuna** participou de uma operação da Polícia Civil na madrugada do último sábado.

Fingindo ser namorada de um investigador da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), a repórter entrou com ele em um carro descaracterizado e foi para a avenida Dante Michelini. Um outro veículo com três policiais civis e uma fotógrafa de **A Tribuna** dava cobertura.

Às 0h45, Shirley, 33 anos, garota de programa à espera de clientes em um ponto de ônibus, foi abordada e disse que o programa de uma hora era R\$ 50,00.

O policial aceitou, mas falou que precisaria de um favor. "Só vamos fazer o programa se tiver droga. Você pode arrumar?", perguntou.

Shirley contou que uma mulher vendia droga em um quiosque da praia e entrou no carro. No trajeto, ela chegou a indagar: "Vocês não são policiais não, não é?"

Ela mandou o policial parar em um quiosque e pegou R\$ 20,00 para comprar dois papélotes de cocaína, mas voltou dizendo que a traficante não estava.

Ainda na orla, uma adolescente de 16 anos, que também faz programas, revelou ao policial que conhecia traficantes.

Shirley e a menor ficaram no banco traseiro do carro e mandaram o policial seguir para o mesmo quiosque. No local, dois homens observaram atentamente quando o veículo parou. A menor foi até eles e retornou com dois papélotes de cocaína.

O policial saiu com o carro e disse que iria até um posto de combustível comprar cerveja. Ao parar nesse estabelecimento, ligou para os outros policiais dizendo que logo faria flagrante.

Voltou afirmando que não tinha cerveja gelada e disse que iria parar em um quiosque para comprar. Logo que estacionou em frente ao quiosque onde havia adquirido a droga, foi aos traficantes e conseguiu comprar outros quatro papélotes de cocaína. Nesse momento anunciou que era da polícia.

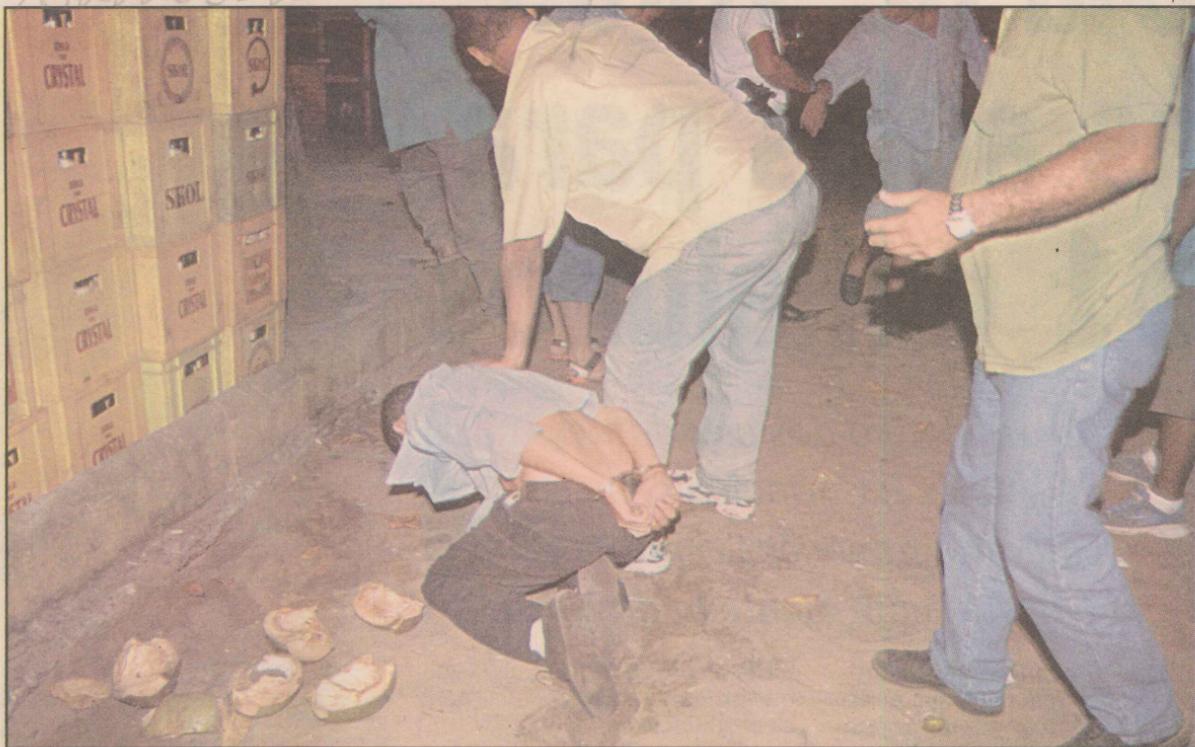
Foram presos: Marcelo Antunes Pereira, 31, Alexandre Rodrigues Garcia, 28, e a menor. Eles foram autuados por tráfico pelo delegado Aélisom Santos de Azevedo, da Deten. Shirley foi liberada porque não comprou a droga. Enterrada na areia da praia, uma sacola com outros papélotes da droga foi encontrada pela polícia.

APREENSÃO

O QUE FOI APREENDIDO

- 15 papélotes de cocaína no valor de R\$ 20,00 cada;
- Sete papélotes de cocaína no valor de R\$ 50,00 cada;
- Oito cheques no valor total de R\$ 1.874,00;
- R\$ 40,00 em dinheiro
- Um celular

Fonte: Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes



Imobilizado no chão, Marcelo foi preso por investigadores da Deten sob suspeita de tráfico

Motoqueiros são donos do pó

Areia da praia, grades de cerveja, órgão genital e terreno baldio. Esses são alguns dos locais usados por travestis e garotas de programa que atuam na avenida Dante Michelini para esconder papélotes de cocaína e pedras de crack.

Segundo a presidente do Sindicato das Minorias Sexualmente Discriminadas, Glorinha Rosa Miranda, a droga na região, que abrange Jardim da Penha, Mata da Praia e Jardim Cam-

buri, normalmente é entregue por três motoqueiros.

São eles que, em muitos casos, orientam garotas de programa e travestis a enterrarem a droga nas areias da praia. Quando um cliente chega e pede a droga, o "profissional do sexo" vai até a areia e busca a quantidade que ele quer.

"Elas escondem porque se a polícia chegar e elas estiverem com droga vão ser presas por tráfico. Infelizmente, a maior parte dos clientes e dos profissio-

nais do sexo são viciados", disse Glorinha.

Ela acrescentou que os clientes preferem comprar a droga das mãos das garotas de programa para não terem que procurá-la com traficantes nas ruas ou adquiri-la em bocas de fumo.

"Os motoqueiros não são denunciados porque fazem ameaças de morte. Não podemos bater de frente com o traficante porque vamos para a vala", declarou.

Travesti abre o jogo

A denúncia de que traficantes estão abastecendo a orla de Camburi, em Vitória, através de garotas de programa, travestis e michês (garotos de programa) foi confirmada pelo travesti Lorena, 28 anos.

Ele já trabalhou na orla da praia por quatro anos, mas abandonou a prostituição para ajudar na coordenação de uma associação, que não terá o nome divulgado a pedido de Lorena.

A Tribuna - As garotas de programa também estão esperando por clientes nos pontos de ônibus da praia?

Lorena - Os profissionais do sexo ficam nos pontos de ônibus, principalmente em Jardim Camburi, por causa dos bancos que têm nos locais. Eles ficam em pé o tempo todo e quando tem o banco podem descansar.

- Garotas de programa,

travestis e michês têm território demarcado na orla da praia?

- Com certeza. Os michês ficam nos quiosques e no calçadão, as garotas de programa do começo da praia (perto da Ponte de Camburi) até a entrada da rodovia Norte-Sul, em Jardim Camburi. Desse ponto até o final da orla ficam os travestis. Ninguém invade o espaço do outro.

- Como funciona o tráfico de drogas na praia?

- Onde rola prostituição rola droga porque os traficantes ganham dinheiro em cima disso. Muitos clientes aparecem só para isso, só para se drogar. É o próprio cliente que se droga e tem gente que paga muito bem para se drogar junto com um profissional do sexo.

Tem cliente que paga apenas para ter a companhia de uma prostituta e não ficar sozinho enquanto se droga.